

A História do Amilenismo

Jack Van Deventer

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Há alguns anos me deparei com um artigo na internet de Kim Riddlebarger que, entre outras coisas, mencionava a história do amilenismo. O que me impressionou foi a dificuldade de Riddlebarger em traçar a história do amilenismo. Isso era estranho, pensei, visto que os amilenistas frequentemente alegam que sua posição remonta à igreja primitiva. Por que isso seria difícil? De fato, após verificar vários livros sobre história da igreja na biblioteca da universidade, descobri uma ausência notável entre “Alegorização” e “Anabatista”. Em nenhum lugar o amilenismo é encontrado. Riddlebarger escreveu: “O termo amilenismo, como veremos, não foi usado no século dezenove, e a origem do termo é mantida em mistério. Conseqüentemente, Gaffin faz a pungente pergunta nesse respeito: ‘Quem cunhou o termo *amilenista*?’”² Gaffin continua: “O que motivou a invenção da palavra *amilenista*?”³ Visto que a palavra *pós-milenista* já estava em uso comum antes da palavra *amilenista*, é seguro assumir que o amilenismo representa um abandono do pós-milenismo. E, esse foi um abandono recente.

Amilenistas concordam que o termo amilenismo é de origem recente.⁴ Strimple escreveu: “O termo amilenismo tem sido amplamente usado desde a década de 1930, embora quando foi primeiro usado permaneça um mistério”.⁵ O. T. Allis faz referência a um artigo de 1943, escrito pelo amilenista Albertus Pieters, onde é declarado que Abraham Kuyper cunhou o termo. (Kuyper morreu em 1920). Allis estava incerto se a alegação de Pieters era verdadeira ou não.⁶ O livro de Peiters de 1937 era menos específico: “Recentemente, aqueles que tomam essa visão têm começado a se chamarem, ou serem chamados, de ‘amilenistas’”.⁷ Nenhuma atribuição a Kuyper foi feita e permanece indefinido quem originou o termo, amilenistas ou seus oponentes.

¹E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

² Kim Riddlebarger, *Princeton & the Millennium, A Study of American Postmillennialism*, 1996. <http://www.alliancenet.org/pub/articles/riddlebarger.princeton.html>

³ Richard B. Gaffin Jr., “Theonomy and Eschatology: Reflections on Postmillennialism”, in William S. Barker and W. Robert Godfrey, eds., *Theonomy: A Reformed Critique* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990), pp. 199—201, p. 198, 200.

⁴ G.L. Murray, *Millennial Studies*, (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1948) p. 87. Jay E. Adams, *The Time is at Hand* (Greenville, South Carolina: A Press, 1987), p. 7. Russell Bradley Jones, *What, Where, and When is the Millennium?* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1975), p. 10.

⁵ Robert B. Strimple, “Amillennialism”, in Darrell L. Bock, ed., *Three Views of the Millennium and Beyond* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1999), pp. 83—129, p. 83.

⁶ Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church*, (Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1945), p. 286.

⁷ Albertus Pieters, *The Lamb, The Woman and The Dragon* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1937), p. 326.

O *International Standard Bible Encyclopedia (ISBE)* não tem nenhuma referência à palavra amilenista em suas edições de 1915 e 1929/1930. Contudo, um documento pré-milenista em 1915 faz referência a pós-milenistas e “anti-milenistas”.⁸ Um panfleto de 1921, intitulado *Non-millennialism vs. Pre-Millennialism* (Não-Milenismo vs. Pré-Milenismo), declara que os “pós-milenistas [estavam] rapidamente mudando para não-milenistas”, onde a posição não-milenista era certamente a doutrina que mais tarde seria chamada de amilenismo.⁹ Erickson escreveu que grande número de pós-milenistas mudaram suas posições para o amilenismo.¹⁰ Essa mudança foi grande o suficiente para motivar um livro pelo dispensacionalista Charles Feinberg chamado *Premillennialism or Amillennialism?* (Pré-milenismo ou Amilenismo?) em 1963. Esse foi o uso mais antigo do termo que encontrei até aqui.¹¹

O amilenista Louis Berkhof foi defensivo quando a historicidade da posição foi questionada. Ele escreveu (aparentemente em 1938 ou antes): “Alguns pré-milenistas têm falado do *Amilenismo* como uma nova visão e como uma das mais recentes novidades, mas isso certamente não está de acordo com o testemunho da história. De fato o nome é novo, mas a visão a qual é aplicado é tão antiga quanto o Cristianismo”.¹² Adams, com hipérbole similar, escreveu: “Agostinho advogou fortemente o amilenismo, e essa era a visão exclusiva de todos os Reformadores”.¹³ Visto que vários amilenistas reivindicam Agostinho como um dos seus, é importante citar a refutação de R. Bradley Jones aos seus colegas amilenistas: “Alguns escritores falam de Agostinho como um amilenista. Isso dificilmente é correto. Ele pode ser mais corretamente classificado como um pós-milenista”.¹⁴ Além do mais, a análise histórica de Bahnsen dos principais Reformadores demonstra que as alegações

⁸ Timothy P. Weber, *Living in the Shadow of the Second Coming* (Grand Rapids: Academie Books, 1983), p. 32.

⁹ C.E. Putnam, *Non-Millennialism vs. Pre-Millennialism, Which Harmonizes the Word?* (Chicago: The Bible Institute Colportage Association, 1921), p. 3.

¹⁰ Erickson, *Contemporary Options in Eschatology*, (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), p.76.

¹¹ Embora o termo *amilenismo* seja novo, é claro que muitos que sustentam a posição não gostam do termo. Aqui está alguns comentários sobre o termo *amilenismo* por aqueles que subscrevem a essa posição. Jones diz que o termo “é de origem recente e é desafortunado, sendo freqüentemente mal-entendido”. Adams o chama de um “termo infeliz”, que causa “mal-entendidos desafortunados” e propõe a frase “milenismo realizado” como uma alternativa. Hoekema concorda que “o termo amilenismo não é muito feliz”, mas pensa que a terminologia alternativa de Adams é “desajeitada”. Cox disse que ele é um “termo desafortunado”. Pieters: “A palavra não é bem composta, pois usa um prefixo grego para uma palavra latina, mas é o termo agora em uso, e não podemos fazer nada”. Dado o desdém que os amilenistas têm pelo termo amilenismo, alguém pode se perguntar se o termo foi cunhado por seus oponentes pré-milenistas.

¹² Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1941), p. 708. Capitalização maiúscula e itálico aparece como no original. A obra de Berkhof foi impressa em agosto de 1938.

¹³ Adams, *The Time is at Hand*, p. 7.

¹⁴ Jones, *What, Where, and When is the Millennium?* p. 11.

amilenistas acima não possuem fundamento; antes, os Reformadores eram predominantemente pós-milenistas.¹⁵

J. Marcellus Kik cria que o amilenismo começou com os escritos de Geerhardus Vos, que escreveu extensivamente sobre escatologia de 1911 a 1930 e mais tarde. Kik escreveu: “Não foi até o advento de Geerhardus Vos que a posição *amilenista* foi introduzida. Fico pessoalmente triste que os talentos notáveis de Vos tenham se apartado da posição histórica de Princeton”.¹⁶ Kik lamentou que a herança pós-milenista de Princeton, representada por grandes teólogos como Archibald Alexander, Joseph A. Alexander, Charles Hodge, A.A. Hodge e B.B. Warfield tinha erodido. As doutrinas de Vos foram um afastamento do pós-milenismo, tal que a nova perspectiva teológica garantia um novo termo para identificá-la. Os termos anti-milenista e não-milenista foram usados até que palavra amilenismo eventualmente se fixou.

Retornando à questão de Gaffin com respeito à invenção da palavra *amilenista*, ficamos curiosos quanto ao que motivou o desenvolvimento da doutrina antes da invenção. Claramente o pessimismo tinha permeado a Igreja de 1880 a 1920. O pessimismo pré-milenista com sua ênfase sobre o Armagedon, o Anticristo, a ruína e o arrebatamento tinham se tornado o zunido do dia. O pós-milenismo era visto como irrealista, dada a crescente apostasia, liberalismo, guerras, etc. que eram vistos por muitos como os sinais da proximidade da vinda de Cristo. Tendo se convencido do declínio da história e, todavia, ainda rejeitando o dispensacionalismo como anti-bíblico, o povo presbiteriano e Reformado estava em necessidade do seu próprio raciocínio teológico para o pessimismo. Não querendo ser *deixados para trás*, eles aparentemente creram que precisavam de uma base teológica para abandonar suas doutrinas pós-milenistas tradicionais do sucesso do evangelho, do otimismo histórico e da conversão das nações a Cristo. A solução amilenista foi atribuir as passagens bíblicas de vitória à esfera celestial ou espiritual. O reino de Deus foi alegorizado, espiritualizado e explicado como sendo de outro mundo, de outra dimensão espiritual, uma terra além do tempo e de nosso alcance. As profecias de condenação e destruição, sem dúvida, foram retidas e aplicadas à esfera terrena. Em outras palavras, mantenha as maldições, descarte as bênçãos. Embora uma doutrina mais jovem que o dispensacionalismo, o amilenismo supre a mesma necessidade e combina com a moda do dia.

Fonte: *Credenda*, Volume 14, Issue 2.

¹⁵ Greg L. Bahnsen, *Victory in Jesus, The Bright Hope of Postmillennialism* (edited by Robert R. Booth; Texarkana, AR: Covenant Media Press, 1999), p. 115.

¹⁶ J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1971), p. 6.

